LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

AUSÊNCIA DE DEUS: SINTETIZANDO AS ORIGENS DA NEGAÇÃO DAS DIVINDADES, NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA CETICISTA ATÉ O NEO-ATEÍSMO

THE ABSENCE OF GOD: A SUMMARY OF THE ORIGINS OF THE DENIAL OF DEITIES, FROM THE PERSPECTIVE OF SKEPTICAL PHILOSOPHY THROUGH TO NEO-ATHEISM

AUSENCIA DE DIOS: SINTETIZANDO LOS ORÍGENES DE LA NEGACIÓN DE LAS DIVINIDADES, DESDE LA PERSPECTIVA DE LA FILOSOFÍA ESCÉPTICA HASTA EL NEOATEÍSMO

https://doi.org/10.56238/levv17n64-039

Data de submissão: 25/07/2026 **Data de publicação:** 08/09/2026

Marcio de Amorim Moura
Licenciado em filosofia, especialista em ensino de filosofia, pós-graduando em ciências da Amazônia
Instituição: Universidade do Estado do Amazonas (UEAM)
E-mail: marcioatea@gmail.com

RESUMO
O presente artigo examina o contexto histórico e filosófico em que se deram os primeiros embates entre a religião dogmática e o despertar do pensamento racional. Indo na contramão dos fundamentos metafísicos, o exame discorre sobre o desenvolvimento da premissa agnosticista desde os ensaios céticos clássicos até o impulsionamento da filosofia contemporânea pelo ativismo do neo-ateísmo militante. Para tanto, propõem-se discussões conceituais atreladas ao ateísmo e ao agnosticismo no campo ceticista, mapeando os contextos retóricos pautados na análise de seletos filósofos sob o prisma racionalista e materialista.

Palavras-chave: Agnosticismo. Ateísmo. Filosofia. Religião. Epistemologia.

ABSTRACT
This article examines the historical and philosophical context in which the first clashes between dogmatic religion and the awakening of rational thought took place. Going against metaphysical foundations, the examination discusses the development of the agnosticist premise from classical skeptical essays to the boosting of contemporary philosophy by the activism of militant neo-atheism. To this end, conceptual discussions linked to atheism and agnosticism in the skeptical field are proposed, mapping the rhetorical contexts based on the analysis of selected philosophers under a rationalist and materialistic prism.

Keywords: Agnosticism. Atheism. Philosophy. Religion. Epistemology.

RESUMEN
El presente artículo examina el contexto histórico y filosófico en el que se produjeron los primeros enfrentamientos entre la religión dogmática y el despertar del pensamiento racional. Yendo en contramano de los fundamentos metafísicos, el examen discurre sobre el desarrollo de la premisa

agnóstica desde los ensayos escépticos clásicos hasta el impulso de la filosofía contemporánea por el activismo del neo-ateísmo militante. Para ello, se proponen discusiones conceptuales vinculadas al ateísmo y al agnosticismo en el campo escéptico, mapeando los contextos retóricos pautados en el análisis de filósofos selectos bajo el prisma racionalista y materialista.

Palabras clave: Agnosticismo. Ateísmo. Filosofía. Religión. Epistemología.

1 INTRODUÇÃO

Tendo como base a exporação literária de célebres filósofos consolidados, este trabalho propõe fundamentar, em sentido geral, a temática primária agnosticista, percorrendo épocas expressivas nos períodos em que se deu a evolução do pensamento filosófico acerca do conceito de Deus. Analisa-se como, in diferentes abordagens, ocorreram os primeiros choques entre a ideia absoluta de uma divindade e o ceticismo racionalista. Historicamente, esse embate remonta à transição grega do mythos ao logos, momento em que as explicações cosmogônicas baseadas na vontade dos deuses passaram a ser desafiadas por investigações cosmológicas pautadas na razão natural. É essa viagem histórica que, cruzando a modernidade, culmina no neo-ateísmo vigente.

Tecem-se fortes críticas à filosofia metafísica e demonstra-se como os dogmas da religião e o avanço do fundamentalismo religioso — focado nos ensinamentos cristãos e em escritos bíblicos — atuaram como um encalço ao longo da história, promovendo a alienação humana pela imposição religiosa. A "mão pesada" da religião contra o avanço da ciência e as lutas no campo intelectual estenderam-se até a chegada do Iluminismo, que serviu como motor de partida ao movimento ateísta militante atual, na ótica dos mais radicais ateístas em curso na filosofia contemporânea.

O presente artigo abordará conceitos terminológicos de agnosticismo e ateísmo, bem como os enfrentamentos e desafios contra a crença, dividindo-se nos tópicos: conceitos de agnosticismo e ateísmo; libertação das crenças metafísicas; a racionalidade ateísta; o motor iluminista; contribuições do neo-ateísmo e considerações finais.

Do ponto de vista metodológico, este artigo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e abordagem crítico-descritiva. A seleção do corpus documental baseou-se em revisar a literatura consolidada acerca do ceticismo, agnosticismo e ateísmo, mapeando o desenvolvimento histórico dessas premissas desde a filosofia clássica até as manifestações contemporâneas do neo-ateísmo militante.

2 AGNOSTICISMO E ATEÍSMO

No decorrer das civilizações, desde os primórdios dos períodos Paleolítico e Neolítico, a partir do sedentarismo da humanidade, tiveram início as primeiras manifestações religiosas, que possuíam relação direta com a natureza. Com isso, o surgimento de interpretações de fenômenos naturais ganhou o teor de causas divinas. De acordo com o portal Brasil Escola, "com o desenvolvimento da humanidade e o surgimento de novas culturas, novos tipos de religião foram surgindo em diferentes partes do planeta" (BRASIL ESCOLA, 2023).

A ideia de algo sobrenatural divino que criou ou que controla a natureza e a humanidade sempre foi assunto de inquietação na mente humana. Com isso, deu-se início ao mito nas sociedades tribais, como uma forma de explicar os fenômenos naturais e a criação. Conforme apontam Aranha e Martins

(2009, p. 26), “entre os povos indígenas, encontramos várias versões sobre a origem da noite, como os de maués [...] de modo semelhante aos maués, os gregos narram o mito de Pandora, a primeira mulher”, ambos declinando descrições míticas.

Partindo dessas análises em que tais explicações mágicas eram aceitas pelos primitivos, chegaremos ao agnosticismo como um olhar cético e flexível. Embora a sabedoria popular frequentemente defina o agnóstico como aquele que “fica em cima do muro” por adotar uma postura neutra, o conceito possui um rigor scientifico profundo. O termo foi cunhado em 1869 pelo biólogo britânico Thomas Henry Huxley, que o estabeleceu não como uma posição de covardia intelectual, mas como um princípio epistemológico fundamental: a afirmação de que é incorreto dizer que se sabe ou se acredita em algo para o qual não há evidências científicas e materiais disponíveis.

> Assim, o agnosticismo é claramente uma atitude hermenêutica reativa adentro de um ambiente filosófico que tematizou e legitimou o conhecimento filosófico, por vezes quase até a exaustão do verbo. Só uma cultura filosófica em que uma das áreas fundamentais foi a constituição de uma teoria do conhecimento pôde gerar, a contrário, a atitude agnóstica. (ROSA, 2008, p. 4)

Em suma, o olhar agnosticista não pretende questionar a existência de deuses por pura negação; ele apenas requer a comprovação empírica da narrativa de quem alega tal fato. Partindo da atitude filosófica agnóstica, declinamos para o ateísmo, que por sua vez alega a negação total e confronta diretamente a argumentação teísta. Segundo o filósofo Julian Baggini (2016), de forma direta, o ateísmo é definido apenas como a falta de crença em Deus ou deuses. A partir dessa premissa, o ateísmo carrega em seu bojo outras negações, conforme salienta o autor:

> Em geral os ateus não acreditam na existência de uma alma imortal, nem na vida depois da morte nem em fantasmas ou poderes sobrenaturais. Embora a rigor um ateu pudesse acreditar em qualquer uma dessas coisas e mesmo assim permanecer ateu, por razões que ficarão claras mais adiante os argumentos que sustentam o ateísmo tendem naturalmente a excluir outras crenças em eventos sobrenaturais ou transcendentais (BAGGINI, 2016, p. 8).

Contrapondo a ideia da crença metafísica, o ateísmo impõe a crítica radicalizada e propõe a destituição total da mesma por não apresentar o mínimo de plausibilidade quando posto a provas empíricas ou materiais.

3 LIBERTAÇÃO DAS CRENÇAS METAFÍSICAS

Na busca pela realidade essencial desde épocas remotas, a humanidade se questiona sobre temas centrais da vida, a exemplo das perguntas clássicas: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Diante dessas questões da definição do ser em sua essência, surgem os mitos antigos como forma de explicação e, por consequência do aprimoramento da ciência e do saber filosófico, esbarram-se nos problemas da realidade. Destaca-se a análise de Cotrim e Fernandes (2013, p. 118):

> Algumas pessoas olham um cachorro e veem apenas um ser que é como uma máquina biológica que está para nos ajudar ou incomodar. Outras enxergam esse mesmo cão como um ser inteligente e sensível, com direitos semelhantes aos dos humanos. Algumas pessoas olham o céu e pensam em um espaço repleto de corpos siderais. Outras fazem o mesmo e entendem que nele existem seres sobrenaturais, deus ou deuses, anjos etc.

Diante do exposto, é simples notar que as observações dos personagens narrados interpretam a mesma matéria de formas distintas. Num ato racional ao esbarrar na realidade, a metafísica enfrenta esse problema correlato entre crença e razão por alegar olhares além do real, como aduzir que em um céu há seres sobrenaturais ou deuses. Na percepção de Röd (2023), em sua crítica positivista da metafísica, parte-se da ideia de que os conceitos absolutistas como Deus não fazem sentido, pois se formulam através de simples impressões e não da experimentação, tendo como suprimento o empirismo radical de David Hume.

É notório frisar que essa transição do conhecimento filosófico observável e simultaneamente metafísico para um conhecimento cético mais crítico foi impulsionada por pensadores empiristas. Não obstante, já se notava nos primórdios da Grécia Antiga certa discordância, como no sofista Protágoras, que afirmava que "o homem é a medida de todas as coisas". Na interpretação da historiadora Juliana Bezerra (2023), essa frase representa o pensamento sobre a subjetividade de cada indivíduo, indicando que tudo é relativo e não existe uma verdade absoluta, sendo que suas ideias o levaram a duvidar da existência de Deus.

Sintetizando, a libertação gradativa da crença metafísica em deuses deu-se pela elevação do mito à ciência. Sendo o mito uma ideia rasa de explicações antigas de civilizações para representar fenômenos naturais em seres divinos, o progresso do conhecimento filosófico e científico deu força à oposição aos deuses criadores. Essa roda histórica levou ao cristianismo, que tomou para si elementos dos deuses gregos, introduziu conceitos filosóficos e tornou-se uma potência religiosa. Paralelamente ao seu crescimento, veio o despertar libertário. Nas análises de Cotrim e Fernandes (2013), "a metafísica como área de investigação da realidade não tem, atualmente, o mesmo prestígio do passado [...] o racionalismo materialista encontrou solo fértil e se impôs de maneira crescentemente hegemônica".

4 A RACIONALIDADE ATEÍSTA

A racionalidade ateísta centraliza-se em concepções modernas sobre Deus e em interpretações críticas de escritos bíblicos. Tratando do Deus bíblico judaico-cristão, filósofos cristãos clássicos como Tomás de Aquino e Agostinho alinhavam a crença ao conhecimento racional em um verdadeiro malabarismo, na tentativa de creditar fatos surreais ao conhecimento analítico científico.

Como objeto de análise, destacam-se afirmações bíblicas sustentadas pelo cristianismo dominante no Ocidente. Analisemos a afirmação cosmológica: "Então Josué falou ao Senhor [...] e

disse na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeão, e tu lua, no vale de Aijalom. E o sol se deteve e a lua parou [...] o sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro" (Js 10:12-13). Essas verdades incontestáveis perduraram por muitos séculos, não cabendo refutações ao que era considerado um livro sagrado. Contudo, foram quebradas pelo martelo do racionalismo. Nicolau Copérnico foi o expoente contestador quanto ao formato e funcionamento da Terra, seguido pelo cientista heliocentrista Galileu Galilei, que defendeu que o Sol era o centro do sistema e que os planetas giravam ao seu redor (SILVA, 2023). O renomado físico teórico Stephen Hawking escreveu:

> A igreja católica cometeu um grande erro com Galileu ao tentar derrubar a lei sobre uma questão científica, declarando que o sol girava em torno da terra. Agora, séculos depois, decidira convidar um número de especialistas para deliberar cosmologicamente sobre o fato [...] mas que não deveríamos questionar a grande explosão em si, porque fora o momento da criação e, portanto, o trabalho de deus (HAWKING, 1988, p. 164).

Dando um passo além da mecânica celeste, o golpe definitivo na racionalidade teológica ocidental não veio apenas dos telescópios, mas também da investigação sobre as origens da moralidade humana. Friedrich Nietzsche (2001) radicalizou a crítica racionalista ao diagnosticar as crenças metafísicas não como verdades transcendentais, mas como sintomas psicológicos de fraqueza e de negação da própria vida. Através de sua célebre constatação sobre a morte de Deus, o filósofo alemão argumenta indiretamente que o próprio avanço do esclarecimento humano e da busca pela verdade acabou por esvaziar a necessidade cultural e lógica de um criador supremo. Para Nietzsche (2001), o Deus judaico-cristão e seus dogmas funcionavam como um mecanismo limitador que alienava o indivíduo de sua plena potência no mundo material, gerando um esvaziamento existencial. Desse modo, a racionalidade ateísta ganha contornos de emancipação psicológica, na qual a superação da ideia de divindade é o passo fundamental para que o ser humano resgate sua autonomia e passe a criar seus próprios valores a partir da realidade concreta.

Caminhando ao cerne fundamentalista, no qual a verdade baseava-se em conceitos errôneos advindos da religião, a contestação inicial partiu da racionalidade, tendo o ceticismo como inimigo da fé, pois formula e busca respostas sem se apoiar em dogmas. Em matéria para o portal UOL Educação, Josuândido da Silva (2024) escreveu que o cético:

> [...] é como a abelha que aferroa o boi do conhecimento, retirando-o da mesmice das ideias prontas e acabadas, nos provocando, por meio da dúvida, a investigar a fundo os pressupostos de nossas crenças; ou, como diria Kant, o cético é aquele que nos desperta do nosso sono dogmático para lembrar-nos que pensar não é um fim, mas uma atividade.

5 O MOTOR ILUMINISTA

No ápice do desenvolvimento intelectual, surge o Iluminismo no século XVIII, também chamado de "Filosofia das Luzes". Ao defender o domínio da razão em oposição ao teocentrismo

dominante na Europa desde a Idade Média, o pensamento iluminista surge como uma alternativa para iluminar as trevas dogmáticas. Os iluministas acreditavam que a razão seria a explicação para todas as coisas no universo, contrapondo-se ao domínio clerical sob a influência da Revolução Científica, da qual surgiram as ciências modernas (SILVA, 2007). Isso deu base para a razão desvincular-se da religião. Conforme ressaltam Aranha e Martins (2009, p. 180), "o ser humano estendeu o uso da razão a todos os domínios: político, econômico, moral e inclusive religioso".

Dentre vários filósofos intelectuais desta corrente, destaca-se o francês Voltaire, que não foi apenas um defensor da liberdade de pensamento, mas propôs a ruptura entre Igreja e Estado, alertando para o perigo da verdade absoluta clerical: "A superstição está para a religião na mesma proporção em que a astrologia está para a astronomia; a filha abobalhada de uma mãe muito sábia [...] durante muito tempo subjugaram toda a Terra" (VOLTAIRE, 1763, p. 99).

Jean-Jacques Rousseau, apesar de não ser ateu, ponderava que a religião pertencia ao lado pessoal e emocional, firmando um olhar crítico e agnóstico contra a institucionalização da fé como forma de manipular as massas. Já o escocês David Hume questionou a validade da religião e a própria existência de Deus, defendendo que a crença em uma divindade não seria racional, nem passível de comprovação científica. Hume escreveu que a ideia de algo superior é uma replicação da mente humana:

> A ideia de Deus, enquanto significa um Ser infinitamente inteligente, sábio e bom, promana da reflexão sobre as operações da nossa própria mente, e eleva sem limite essas qualidades da bondade e da sabedoria [...] até ao ponto que nos agradar, onde sempre descobriremos que toda a ideia que examinamos é copiada de uma impressão similar (HUME, 1985, p. 25).

6 CONTRIBUIÇÕES DO NEO-ATEÍSMO

No início do século XXI, surge uma vertente filosófica de caráter mais assertivo e combativo em relação ao fenômeno religioso. Esse grupo, liderado por figuras como Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens e Sam Harris, redefiniu o alcance do ceticismo moderno. Como observa Paine (2010, p. 16), esses autores tornaram-se os "pop stars do ateísmo", cujas obras e debates moldam as fronteiras da discussão pública hoje. Suas contribuições fundamentam-se em um rigoroso cientificismo e na defesa da razão laica.

É crucial compreender que o surgimento do Neo-Ateísmo não é uma mera atualização do ateísmo filosófico clássico, mas uma resposta geopolítica direta aos desdobramentos do fundamentalismo religioso do início do século, catalisado pelos atentados de 11 de setembro de 2001. A microestrutura de crítica desses autores ganha contornos de urgência social, argumentando que a tolerância cultural cega para com os dogmas religiosos representa uma ameaça existencial à civilização laica e aos direitos humanos.

Richard Dawkins utiliza a biologia evolutiva para argumentar que a complexidade da via não exige um designer inteligente, mas pode ser explicada pela seleção natural. Sam Harris e Daniel Dennett exploram a neurociência e a filosofia da mente para tratar a religião como um fenômeno natural e evolutivo, passível de estudo científico. Por fim, o estilo literário e polêmico de Christopher Hitchens trouxe uma dimensão política e ética ao movimento, sustentando que a liberdade humana é incompatível com o que ele denominava "totalitarismo celestial". Juntos, esses autores deslocaram o ateísmo do campo estritamente privado para o centro do debate cultural e político contemporâneo. Segundo Dawkins (2007, p. 101):

> A existência de Deus é uma hipótese científica como qualquer outra. [...] Um universo com um deus seria um tipo de universo diferente de um sem ele, e a diferença seria, em princípio, passível de verificação científica.

Essa perspectiva retira a discussão do campo da crença pessoal e a transporta para o campo das evidências, pilar central do Novo Ateísmo. Para Harris (2007, p. 65), o argumento caminha no sentido moral, que não depende de religião: "A fé é a permissão que os religiosos dão a si mesmos para acreditar em algo quando o pensamento falha". O polêmico Hitchens (2007, p. 150) expõe a fragilidade dos dogmas ao afirmar que "o que pode ser afirmado sem provas também pode ser rejeitado sem provas". Quanto a Dennett (2006, p. 25), vem a sugestão de estudar o fenômeno: "A religião é um fenômeno natural. Ela não é algo que esteja fora da ordem da natureza, de modo que não possa ser explicada".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, observou-se que a trajetória da negação às divindades não é um fenômeno isolado da contemporaneidade, mas o resultado de um amadurecimento milenar do pensamento crítico. A transição das explicações míticas e metafísicas para a racionalidade ateísta representa um marco na busca pela autonomia humana, partindo do princípio de que a realidade deve ser compreendida através de evidências e não de dogmas.

A pesquisa demonstrou que a distinção entre agnosticismo e ateísmo é fundamental para a clareza do debate: enquanto o primeiro reconhece os limites do conhecimento frente ao que não pode ser provado, o segundo avança na negação ativa de entidades sobrenaturais por falta de plausibilidade empírica.

Este processo de "desencantamento do mundo" teve no motor iluminista o seu combustível principal, permitindo que a ciência se desvinculasse das amarras religiosas que outrora silenciaram nomes como Galileu Galilei. Conclui-se que o Neo-ateísmo trouxe uma contribuição definitiva ao retirar o ateísmo do campo privado e transformá-lo numa ferramenta assertiva de crítica social e científica. Em última análise, a ausência de Deus na perspectiva filosófica aqui apresentada não

configura um vazio existencial, mas a afirmação de uma consciência humana plena, fundamentada na razão, na ciência e no compromisso com a realidade tangível.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. Filosofando: introdução à filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BAGGINI, Julian. Ateísmo: uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2016.

BEZERRA, Juliana. Protágoras. Toda Matéria, 2023. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/protagoras/. Acesso em: 23 jan. 2024.

BRASIL ESCOLA. Religião. Brasil Escola, 2023. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/religiao. Acesso em: 15 jan. 2024.

BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

COTRIM, G.; FERNANDES, G. Fundamentos de filosofia. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DAWKINS, Richard. Deus, um delírio. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DENNETT, Daniel C. Quebrando o encanto: a religião como um fenômeno natural. Tradução de Helena London. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

HARRIS, Sam. A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão. Tradução de Eduardo Gerhardt e Mário Vilela. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAWKING, S. W. Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros. 16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

HITCHENS, Christopher. Deus não é grande: como a religião envenena tudo. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HUME, David. Investigação sobre o entendimento humano. Lisboa: Edições 70, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAINE, Scott Randall. O soco de Deus: o ateísmo moderno em seus expoentes principais. Brasília: Editora UnB, 2010.

RÖD, Wolfgang. Metafísica e Crítica da Metafísica. Intelligere, Revista de História Intelectual, n. 15, p. 94-111, 2023. Disponível em: http://revistas.usp.br/revistaintelligere. Acesso em: 23 jan. 2024.

SILVA, Daniel. Galileu Galilei. História do Mundo, 2023. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/galileu-galilei.htm. Acesso em: 03 mar. 2024.

SILVA, Josuândido da. Ceticismo: deve-se duvidar de tudo. UOL Educação, 2024. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/ceticismo-deve-se-duvidar-de-tudo.htm. Acesso em: 23 jan. 2024.

VOLTAIRE. Tratado sobre a tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas. Porto Alegre: L&PM, 2011.